

268007

Biblioteca - Unemat - PLA



00014015

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 14015

Data 19 / 08 / 2008

☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ELIZAMA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

"A AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LINGUA
INGLESA"

811.111
048a
xx.01

Pontes e Lacerda Dezembro de 2008

ELIZAMA DOS SANTOS DE OLIVEIRA

“A AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LINGUA
INGLESA”

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus de Pontes e Lacerda
como requisito final a obtenção do grau de
Licenciado em Letras.

Pontes e Lacerda Dezembro de 2008

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

CARMEN ZIRR ARTUZÓ (orientadora)

ÉRICA ROMÃO

ESTEFANIA MARIA DE QUEIROZ

Póntes e Lacerda Dezembro de 2008

Dedico esse trabalho aos meus pais
que me apoiaram durante esses anos de
estudo.

AGRADECIMENTOS

Ao criador e sustentador de minha vida, Deus agradeço por me proporcionar a tão grande honra em estar subindo mais um degrau de conhecimentos, e a busca de novos esforços, pois a minha carreira apenas começou, ainda que não fui fiel a ti, mas mesmo assim tu velaste por minha vida durante esses anos de faculdade. Obrigá meu pai celeste, pois sem ti não sou nada, a não ser pó e cinza.

Agradeço ao papai Pastor José Antonio de Oliveira, e Mamãe Marli dos Santos De Oliveira, que levantava as madrugadas para certificar se havia regressado da faculdade em paz. Por noites perdidas de sono, e pelas orações intercessórias em meu favor.

Maninho Oziel, apesar de estar distante, mas você acompanhou meus primeiros passos na faculdade. Agradeço-te pela ajuda financeira que proporcionaste esses anos, e com a sua ajuda creio que concretizarei o meu sonho e busca de novos ideais.

Obrigada maninhas Elizangela e Elizandra, que me aconselharam a permanecer nesta luta. Os meus agradecimentos aos meus cunhados Alexandre e Fábio que também fazem parte da minha família, e que de forma indireta também contribuíram para minha formação. André e Andrieli desculpem-me por passados muitos dias sem ver vocês, tia ama muito vocês.

As colegas que se tornaram amigas, Márcia Antonia, Maria de Fátima e Daura Lidia. Essas foram minhas companheiras de transito em alguns anos dessa caminhada. Valeu vocês sempre estarão no meu coração. Sucesso a vocês também.

*"Ninguém é sujeito da autonomia de
ninguém". Paulo Freire*

SUMÁRIO

Apresentação.....	08
Resumo.....	09
Introdução.....	10
Autonomia no aprendiz.....	15
Autonomia no educador.....	23
Resultado da pesquisa.....	28
Considerações Finais.....	33
Referências Bibliografia.....	35
Anexos.....	37

APRESENTAÇÃO

Para a escolha do tema deste trabalho monográfico levou-se em consideração a forma precária que o ensino de língua inglesa tem sido desenvolvido nas escolas, que é um fato preocupante, pois os alunos não atingem nem se quer um nível básico.

E com a preocupação de como acontece o ensino e aprendizagem de língua inglesa nas escolas hoje, decidimos pesquisar o aspecto de autonomia no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, especificamente em língua inglesa, nas escolas públicas e privadas.

Neste ensaio apresentaremos algumas teorias fundamentadas na educação brasileira de acordo com o PCN's, e o pressuposto teórico de Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia. Mas com o foco principal no artigo de Lara Miccoli (2007), "Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira.

Sob esses aspectos, finalmente o ensaio sugere aos aprendizes e professores de língua inglesa, ou usuários desta língua, que a mesma necessita estar voltada para a liberdade de expressão.

RESUMO

Este trabalho visa analisar as concepções sobre a autonomia no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, especificamente em Língua Inglesa. Ancorado no referencial teórico de "Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa", na qual Paulo Freire nos coloca suas amplas e magníficas hipóteses sobre e como ensinar com autonomia. Apesar de que ele não destaca a idéia da autonomia na língua estrangeira. Mas quem nos fala bem sobre este aspecto que chamou a nossa atenção para elaborarmos este trabalho foi o texto de Lara Miccoli, "Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira". Texto este que nos coloca uma serie de modelos de atividades para aplicar em uma sala de aula de língua inglesa, dando prioridade ao aluno a desenvolver a sua autonomia. Falaremos sobre alguns pressupostos teóricos de Vera Lucia Menezes e outros escritores.

Nosso objetivo também visou abordar o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa em escolas de Pontes e Lacerda - MT, por intermédio de uma pesquisa com professores, alunos e visitas em salas de aula de da referida disciplina.

INTRODUÇÃO

Neste ensaio monográfico buscamos analisar as concepções sobre a autonomia no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, especificamente em Língua Inglesa. Focalizamos no referencial teórico de “Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa”, no qual Paulo Freire nos coloca suas amplas e magníficas hipóteses sobre e como ensinar com autonomia. Apesar de que ele não coloca a idéia da autonomia na língua estrangeira. Mas, quem nos fala bem sobre este aspecto que chamou a nossa atenção pra elaboramos este trabalho foi o texto de Lara Miccoli (2007), “Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira”. Texto este que coloca a nós uma serie de modelos de atividades para aplicar em uma sala de aula de língua inglesa, dando prioridade ao aluno a desenvolver a sua autonomia.

Tomaremos para exemplo a palavra “autonomia” aplicada no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, e examinaremos por meio de uma pesquisa entre alunos e professores, como ocorre o ensino de língua inglesa nas escolas publicas e privadas de Pontes e Lacerda - MT.

Buscamos analisar o envolvimento do professor e do aluno de língua inglesa, visando constatar seu desenvolvimento e o grau inserido no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Compreender o desempenho do docente enquanto professor de línguas estrangeiras, e do aluno enquanto aprendiz de uma segunda língua.

Visaremos três argumentos para definir a autonomia no ensino e aprendizagem de língua inglesa, de acordo com a concepção de Crabbe (1993), citado no texto de Costa Vieira e Paiva: o ideológico, o psicológico e o econômico. O argumento **ideológico** quando se refere ao direito de liberdade para estabelecer escolhas. O **econômico**, com relação às classes privilegiadas, quando se refere à condição financeira, pois a educação brasileira não possui condições para aplicar um bom desenvolvimento no ensino de língua inglesa. O **psicológico** ao se referir ao aprendiz a se responsabilizar pela própria aprendizagem.

Sem a autonomia, a escola abandona o seu papel básico de produção de conhecimento e criatividade, reproduzindo repetitivamente procedimentos que controlam as atividades dos alunos, tornando-os moldados, em apenas um processo e

método de ensino, que prejudica a formação de um aprendiz de língua estrangeira. Conforme nos diz Azanha.

Nosso objetivo é também abordar o processo de ensino e aprendizagem em língua inglesa a partir do princípio de que a autonomia se constitui no fundamento de uma aprendizagem dinâmica, sem usar os métodos mecânicos de ensino, que facilita a boa interpretação do aluno.

Neste estudo será destacado o resultado efetivo da investigação e pesquisa que elaboramos em sala de aula e em entrevista com professores e alunos do ensino médio, a forma de usar estratégias que promovam autonomia nas práticas de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Colocando em questão o uso tão freqüente desse idioma, e como está estabelecida a autonomia no processo de ensino desta língua na sala de aula. Visando primeiramente a definição e o surgimento da autonomia de acordo com alguns pressupostos teóricos. Logo, destacaremos o aprendiz no centro de seus deveres, direitos e barreiras enfrentadas a se tornar um aprendiz autônomo, como acontece o seu processo de aprendizagem de língua inglesa e as formas de se obter autonomia na aprendizagem desse idioma, que é uma língua que muitos estudantes têm interesse em adquirir. Após essa discussão a respeito do aprendiz, colocaremos as definições e características de um professor autônomo, e os problemas enfrentados por ser autônomo e não poder exercer a sua autonomia em sala de aula, neste aspecto especificamente centrado no professor de língua inglesa, que é o foco dessa pesquisa.

Mas também discutiremos a questão do papel do professor em relação ao aprendiz, que é uma questão que Paulo Freire destaca bem em "Pedagogia da Autonomia". Em caso afirmativo, verificaremos as contribuições dessa prática, da nossa pesquisa elaborada em uma escola pública e em uma particular.

AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

O significado etimológico da palavra autonomia conforme o Dicionário Oxford de Etimologia do Inglês e pelo Dicionário Etimológico *on-line*, é o “direito de se auto-governar”, – 1623 “*autonomia* vem do Grego *autonomous* “independente”, de *auto* + *nomos* “costume, lei”. A palavra “autônomo” foi registrada em 1800”.

De acordo com os PCNs (1998), a autonomia é um dos princípios do projeto educativo da escola. Apesar do consenso sobre sua importância, ainda há muita incerteza sobre os meios de implementação da autonomia em sala de aula. Isso nos afirma Hatugai.

O conceito de autonomia surgiu através da abordagem comunicativa, Paiva (2006) nos coloca esse conceito que tomamos como ponto de partida do desenvolvimento do nosso trabalho.

“O conceito de autonomia na aprendizagem de língua estrangeira (LE) surgiu com o advento da abordagem comunicativa. Antes disso, não havia espaço para o reconhecimento da autonomia, pois o professor controlava todas as atividades de aprendizagem e os direitos dos aprendizes ficavam limitados à escolha da escola, embora os mais jovens não tivessem voz nem sobre isso, já que essas escolhas eram feitas por seus pais.”

Entendemos que a partir desse pressuposto acima, antes de surgir autonomia, a escola tinha certo poder em controlar o ensino de língua estrangeira. Os materiais eram desenvolvidos para controlar e guiar os alunos que não tinham nenhuma estrutura de conhecimentos e vocabulário ou na ordem em que eles deveriam ser estudados. Os professores se empenhavam em controlar os alunos para que todos os passos, previamente planejados, fossem seguidos. Os alunos eram colocados em uma forma e moldados, aprendiam sem liberdade, era ensinado apenas o que a escola propunha, o que resultava em deficiência na formação dos mesmos. Essas abordagens colocadas com a mesma autora citada acima “*eram centradas no professor e não se esperava nenhuma tentativa de aprendizagem autônoma*”.

Apesar do ensino de Língua Estrangeira partir de princípios rigorosos de processos lingüísticos que influenciam as abordagens de ensino, os aprendizes também

eram controlados através de modalidades de aprendizagem, e os interesses dos alunos eram totalmente controlados. Pois o professor tinha o controle sobre a aprendizagem do aluno, impedindo-o de adquirir autonomia. Exemplificando melhor esse conceito, as prioridades eram para os professores, os alunos não tinham liberdade de aprendizagem. Enquanto os professores tinham controle sobre o livre arbítrio do aprendiz, impedindo-o de transpor as barreiras de conhecimentos e adquirir liberdade e habilidade para aprender, e se tornar autônomo.

Mas hoje não mudou muito, a escola não controla o que o professor deve ou não deve aplicar em sala de aula, mas barra a possibilidade de ensinar de forma autônoma, na questão de preparação para o ensino e o fato de a disciplina de línguas estrangeiras não possui material didático. O MEC não investe no ensino de línguas estrangeiras, mas ela tem que estar na escola. Atualmente existem professores que tiram recursos de seu bolso para comprar materiais didáticos, pois querem trabalhar de forma autônoma, e não há recursos.

De acordo com Littlewood (1996, p.428 apud Paiva), vejamos uma definição quanto a alguém que é autônomo:

“Podemos definir uma pessoa autônoma como aquela que tem a capacidade de fazer escolhas e conduzir suas próprias ações. Esta capacidade depende de dois componentes: habilidade e desejo. Assim, uma pessoa pode ter a habilidade de fazer escolhas independentes, mas não sentir nenhuma vontade de implementá-las (porque tal comportamento não é, por exemplo, percebido como apropriado ao seu papel em uma determinada situação). Por outro lado, uma pessoa pode ter o desejo de exercitar escolhas independentes, mas não ter a habilidade para fazê-lo.”

Para o autor, o desejo é constituído por motivação e confiança, e a habilidade se constitui numa mistura de conhecimentos e liberdade. Littlewood ainda pontua a autonomia que um indivíduo é capaz de ter três tipos de autonomia:

“Como comunicador (usa a língua de forma criativa, utilizando as estratégias comunicativas adequadas), como um aprendiz (engaja-se em aprendizagem independente, utilizando as estratégias de aprendizagem apropriadas) e como pessoa (expressa significados pessoais e cria contextos pessoais de aprendizagem).”

Como diz Paiva (2006), definir autonomia, não é uma tarefa fácil, principalmente quando se trata de contextos, porque são poucos e insuficientes para os aprendizes se tornarem realmente autônomos. Na definição apresentada por LITTLEWOOD (1991 apud Paiva), que diz:

“Autonomia é a capacidade de planejar, monitorar e avaliar as atividades de aprendizagem, e, necessariamente, abrange tanto o conteúdo quanto o processo de aprendizagem”.

É o que destacamos acima, para o aluno inserir no processo aprendizagem de uma língua estrangeira não parte só do interesse dele, mas do professor, da forma como é ensinado, os métodos utilizados, as abordagens, se são adequadas a aquele ensino. Isso realmente faz parte de um processo complexo, sendo que a autonomia é algo raro a se encontrar hoje na educação brasileira, devido a vários fatores, como a deficiência no ensino, a falta de profissionais qualificados e competentes para tal área, e a falta de compromisso do aluno.

Para falar sobre o ensino de língua estrangeira (LE) no Brasil, temos de iniciar com a história da criação do sistema escolar brasileiro. Mas não se faz necessário ressaltar detalhes sobre, pois envolveremos a parte histórica de toda a educação brasileira desde a colonização, das primeiras escolas ministradas pelos Jesuítas. Estes, por sua vez, ensinavam o latim como exemplo de língua culta e normativa. Conforme os dados colocados por Ana Paula da Silva Ferreira, a língua estrangeira veio ganhar sua vez aqui com a vinda da família real para o Brasil. E o ensino oficial de línguas estrangeiras teve início em 1837, com a criação do colégio Pedro II até a educação de hoje.

discernimento de identificar qual atividade será boa para a sua formação e qual o papel ou função de cada uma delas. É um aspecto que requer não somente conhecimento, mas também observação e criatividade própria.

Essa concepção nos leva a citar, Wisniewska (1998, p.24 apud Paiva) na seguinte definição: *"a autonomia do aprendiz pode ser descrita como a habilidade em assumir o controle sobre a própria aprendizagem a fim de maximizar todo o seu potencial"*.

Em consonância com Vera Menezes, a formação de um sujeito autônomo requer rigorosidade e muita atenção da parte do educador, pois o aprendiz esta aprendendo a se auto-governar, a não ficar mais sob subjugação à vontade de outro indivíduo. Por isso a busca pela autonomia é uma busca ao crescimento, o aprendiz aprende a ser responsável por suas atitudes e decisões. A autonomia é o caminho para a formação do sujeito que antes de qualquer coisa se conheça através de si próprio, pode pensar por si próprio, concluir e tomar decisões. Como nos afirma Dickinson (1987 apud Paiva),

"Há graus de autonomia que variam do auto-gerenciamento às escolhas externamente dirigidas, envolvendo os seguintes fatores: decisão de aprender; método de aprendizagem; ritmo; quando/onde; materiais; monitoramento; avaliação interna e externa.

Para Candy (1989, p.101 apud Paiva), *"autonomia é uma capacidade inata do indivíduo que pode ser suprimida ou distorcida pela educação institucional"*. Isso esta relacionado a interferência a ideologia do aprendiz.

Essa idéia está, também, presente no argumento ideológico de Crabbe (1993, apud Paiva p.443).

"O indivíduo tem o direito de ser livre para exercer suas escolhas como em outras áreas, e não tornar-se vítima (mesmo involuntariamente) das escolhas feitas pelas instituições sociais".

Acreditamos que outros fatores, além do que foi mencionado acima, interferem na formação e nas características do aprendiz a se tornar autônomo, tais como: atitudes dos professores, regimento escolar, aspectos culturais, políticos, e socioeconômicos. Tais fatores privam a liberdade do aluno a alcançar a autonomia, a buscar novos caminhos e novas fontes que o levará a um conhecimento que o fará autônomo em relação à disciplina desejada.

Outra definição que nos interessa e que encaixa neste contexto é o argumento psicológico, quando define autonomia em relação ao aprendiz a ser capaz e responsável pela sua aprendizagem. Holec (1981, p.3 apud Paiva e Vieira), que defende o viés

psicológico ao definir que: *"autonomia é a habilidade de se responsabilizar pela própria aprendizagem"*, no qual ele diz abranger os seguintes aspectos: *"determinar os objetivos; definir conteúdos e progressões; selecionar métodos e técnicas para serem usadas; monitorar o processo de aquisição e avaliar o que foi adquirido"*.

Apesar de que discordamos com essa colocação, porque por mais que o aluno tente ser responsável pela sua aprendizagem, sempre vai haver interferências, conforme os fatores colocados acima. Este conceito de autonomia, podemos considerar vago, ao levarmos em consideração que dificilmente o aprendiz será capaz de tomar todas as decisões sobre sua aprendizagem.

A aprendizagem dessa língua com certeza tem as suas demandas, principalmente os recursos que não são disponibilizados e que são produzidos por alguém que já fora decidida sobre o conteúdo e sobre as modalidades lingüísticas e metodológicas que os materiais didáticos estão embasados. Neste caso, podemos falar que são os PCN's, apesar de que muitos livros didáticos não são baseados neles. Ai se vê um argumento político que exerce poder em relação aos conteúdos. Mesmo com a deficiência muito grande nas escolas de hoje, faltam materiais didáticos para as disciplinas de línguas estrangeiras.

Essa deficiência se encaixa no argumento econômico, pois quem terá acesso a materiais que facilitam a aprendizagem e contribuem para que os aprendizes se tornem autônomos são as classes privilegiadas, ao se referir à capacidade de financiar a própria educação. Neste caso, os alunos de escolas particulares e de idiomas. No contexto das escolas públicas, como já vimos, os alunos não são livres para escolher a língua que querem aprender e, geralmente, não são economicamente autônomos para conseguir financiar seus estudos em cursos livres de idiomas. Os aprendizes de língua estrangeira de escolas públicas não usufruem desses privilégios de ter materiais didáticos para trabalhar a língua estrangeira com mais facilidade.

Os materiais didáticos de qualidade, pois hoje temos bons e também ruins, contribuem para a formação do aluno. Estes trazem uma bagagem de possibilidades para que o aluno se identifique com o idioma, sem fazer uso mecânico do dicionário. Livros estes que trazem gravuras ou recortes de conteúdo da realidade, que propiciam um bom desempenho na formação do aluno. Mas, isso vai depender do professor ser um profissional competente, capaz de manusear o livro didático para que os alunos possam captar o contexto com facilidade, além de adquirir a autonomia.

A autonomia leva em consideração o fato de o aluno sentir liberdade para se considerar autônomo no processo de aprendizagem de uma segunda língua. Já que o Brasil sofre a influência de outros idiomas e de culturas estrangeiras, temos então a necessidade de aprender sobre, pois está inserido no nosso cotidiano, e devemos ter conhecimento sobre esses idiomas que penetraram na sociedade brasileira.

Estamos vivendo o tempo da globalização, em que a comunicação se expande a cada dia. E um idioma que predomina atualmente, não só no Brasil, mas como também em outros países, é a língua inglesa, a qual conhecida quase mundialmente pode se tornar a língua universal.

De acordo com Conrad e Fishman (1977 apud Paiva), a língua inglesa como língua nativa é falada em doze países, enquanto onze países têm o inglês como única língua oficial, quatorze países tem o inglês como segunda língua oficial e em oito países ela possui status de língua oficial, mas não é a língua oficial, totalizando trinta e três países. Sendo estes falantes oficiais de língua inglesa certamente tiveram influências políticas ou econômicas de potências falantes do inglês.

Conforme Kachru (apud Paiva), em outras palavras, que o número de falantes de língua inglesa como segunda língua é de 300 a 400 milhões, o de falantes nativos é de quase 300 milhões, em todo o mundo se totaliza 700 milhões de falantes.

Por isso, aprender a língua inglesa tornou-se um destaque mundial. Pois, hoje o inglês esta em toda parte, na mídia, em *telemarketing*, nas mercadorias tanto alimentícias como em roupas, automóveis, medicamentos, eletroeletrônicos, e muitas coisas têm o inglês inserido como marca, ou talvez apenas para uso de propagandas. Principalmente na área de informática, os equipamentos e peças que são ligados a computadores, na maioria deles possuem o nome e suas características em inglês.

Não é a toa que a procura da aprendizagem para esse idioma se tornou o desafio de muitos jovens. O indivíduo que tem conhecimento em língua inglesa, mas não é fluente, possui boas chances para se inserir no mercado de trabalho e tem a possibilidade de conseguir um bom emprego em empresas renomadas no país.

Até aqui apoiamos o aprendiz, mas chegou o momento de ver o lado ruim dessa análise. Defendemos o direito do aluno, mas então falaremos dos seus deveres enquanto aprendiz. Pois para adquirir autonomia, não depende somente da parte da escola em disponibilizar materiais didáticos, e do professor ter conhecimento teórico, lingüístico-comunicativo, domínio na disciplina, e saber trabalhar de forma dinâmica para facilitar a aprendizagem do aluno. Mas depende muito da contribuição do aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) defendem a formação de um cidadão participativo e autônomo. A autonomia é definida como *"capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas"* (PCN;1998: 94).

Conforme Santos José, o aluno autônomo possui a capacidade de se posicionar em relação a uma situação de aprendizagem, na elaboração de projetos pessoais. Ele busca informações para superar suas dificuldade de aprendizagem e utilizá-las como conhecimento adquirido com próprios esforços, bem como estabelecer e seguir metas, ser participativo em trabalhos coletivos, ter uma postura crítica e analisar diferentes concepções buscando obter conclusões concretas. Ele não está sozinho, tem o professor e os demais alunos que buscam a autonomia também. Sempre trabalhando em coletividade. *"Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos"*.

Percebemos que no educando há ponto primordial que é a sua educação moral, que está inserida em uma perspectiva de um processo de transmissão cultural. Neste caso, quando são interferidos por hábitos, costumes e normas culturais que se desenvolvem em sociedade. Também, por outro lado, vemos um diferente processo que auxilia o entendimento do aprendiz, dando-lhe capacidade de discernimento e esclarecimento de valores que são significativos, que causarão condições morais vividas por cada aprendiz.

De acordo com a idéia de Silva Ferreira (não há data no artigo), há diferentes maneiras individuais em relação à aprendizagem que o aprendiz possui, pois nem todos os alunos aprendem da mesma forma. Há aprendiz que tem facilidade com os meios auditivos, outros visuais, já outros são estrategistas conforme a teoria sociointeracionista, devido ao fato de serem mais extrovertidos. Neste caso, consideramos uma ótima atuação em um aprendiz, pois não sentem vergonha de buscar conhecimento. Nessa teoria é importante trabalhar as estratégias de aprendizagem, pois o foco são os processos mentais.

Miccoli (2007), outra autora que focaliza bem o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, nos coloca também sobre autonomia e responsabilidade do aluno na seguinte definição:

"(...) Aplicado à sala de aula, entende-se que autonomia é uma atitude que demonstra que um

autonomia é algo que pode ser alcançado por qualquer aprendiz, desde que o mesmo tome a direção de seu processo de aprendizagem.

Concretizamos essa análise em relação à aprendizagem de língua estrangeira, visando o aspecto da autonomia em um aprendiz, que não depende inteiramente do método de ensino, do professor e da escola, mas também depende da capacidade do aluno, como nos coloca Miccoli (2007): *“Assim como qualquer capacidade, a autonomia deve ser desenvolvida no aluno”*.

Mas um aluno que busca a autonomia em seu aprendizado de língua estrangeira, precisa tomar iniciativas autônomas para adquirir conhecimentos e habilidades, tornando a sua aprendizagem capaz de atender as suas necessidades enquanto aprendiz. Desde que tenha tido um incentivo de buscar suas próprias soluções e que desenvolva ações que o farão avançar em seu desempenho, poderá atingir a fase autônoma.

Em conformidade com os teóricos usados neste texto concluímos que a autonomia no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, não parte apenas da hipótese individual, mas para adquiri-la tem que se trabalhar em conjunto. O trabalho coletivo produz melhor resultado do que o individual.

E para adquirir algo de novo na aprendizagem de língua inglesa é necessário buscar a autonomia, principalmente dos alunos de escolas públicas, que são menos beneficiados em relação à aprendizagem de língua estrangeira. Precisamos de produção e não reprodução, sempre tentar buscar e atingir objetivos novos, que trarão benefícios à aprendizagem, com essa idéia concordamos com Leffa:

“A aprendizagem que realmente interessa, aquela que não é apenas reprodução do que já existe, mas criação de algo novo, de progresso e avanço, só é possível com autonomia..

A análise dessas colocações revela que a escola deixa a desejar quanto às necessidades dos aprendizes. Porém, apesar dos obstáculos encontrados para a sua formação os alunos apresentam evidências positivas na construção da aprendizagem com autonomia. Isso propicia a busca de experiências mais significativas de aprendizagem, fazendo a diferença no desempenho enquanto aprendiz.

AUTONOMIA NO EDUCADOR

Considerando que uma língua estrangeira no âmbito escolar é uma disciplina que não pode faltar no currículo, a educação coloca algumas características necessárias para o ensino desta disciplina. A primeira característica é a formação específica do profissional na área em que atua. Pois um profissional licenciado em letras, habilitado em língua inglesa, tem o direito de lecionar a matéria de língua inglesa. Porém, o que ocorre no sistema educacional é que muitos educadores formados em outras áreas estão atuando em sala no ensino de língua inglesa.

Partimos primeiramente dos pressupostos teórico dos PCN's de Língua Estrangeira que destaca: *"as abordagens estão alicerçadas em princípios de natureza variada"*, embasadas em quatro visões para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, sendo elas: a visão sociointeracional de aprendizagem em sala de aula; a visão cognitiva que trata sobre o conhecimento lingüístico; a visão afetiva que é centrada no ser discursivo em língua inglesa; e a visão pedagógica, em que o aluno tem como objetivo central de aprendizagem a linguagem, conforme diz em outras palavras Silva Ferreira.

Em relação ao ensino, os PCN's (Brasil, 1998) afirmam que os princípios pedagógicos possuem um alicerce de desenvolvimento de uma metodologia de ensino que envolve *"como ensinar determinados conteúdos pelo uso de diferentes procedimentos metodológicos"*. As hipóteses inovadoras de aprendizagem de língua estrangeira foram principalmente influenciadas por três teorias ou visões de linguagem: a behaviorista, a cognitivista e a sociointeracional.

Assim, de acordo com os PCN's de língua estrangeira, *"na visão behaviorista, a aprendizagem de Língua Estrangeira é compreendida como um processo de adquirir novos hábitos lingüísticos no uso da língua estrangeira"*. Consideramos que, neste aspecto a aprendizagem se dá por meio de:

"automatização de novos hábitos, envolvendo também o estímulo, expondo o aluno a estruturas sintáticas e ao item lexical, tudo isso fornecido pelo professor, que avalia a resposta do aluno" (BRASIL, 1998, p.56).

Podemos considerar que a visão behaviorista se encaixa nesta hipótese, pois, por meio desta veio o desenvolvimento das formas metodológicas que direcionam á exercícios de repetição e substituição. Detectamos que esta visão esta focalizada, principalmente em

usos adequados dos procedimentos de ensino e no professor. Ou conforme nos diz os PCN's:

[...] se a aprendizagem não ocorresse adequadamente, ou seja, se fossem detectados erros nas produções do aluno, o motivo seria a inadequação dos procedimentos de ensino. Os erros teriam de ser imediatamente eliminados ou corrigidos para que não afetassem, negativamente, o processo de aprendizagem como um todo, inclusive os de outros colegas que tivessem sido expostos aos erros. É nesse sentido que se costuma dizer que a visão behaviorista a aprendizagem era à uma pedagogia corretiva. (BRASIL, 1998, p.57).

Por esta idéia, percebe-se que a mentalidade do aluno como é entendida como *"uma pedra de diamante, que necessita ser lapidada, e aberta para o encontro de uma nova língua"* (BRASIL, 1998, p.57).

Por outro lado na visão cognitivista *"desloca-se o foco do ensino para o aluno ou para as estratégias que ele utiliza na construção de sua aprendizagem da língua estrangeira"*. Os erros contidos nesta teoria passam a ser considerados como *"evidência de que aprendizagem esta sendo desenvolvida"*, que pode ser considerados como uma partícula do processo da aprendizagem (BRASIL, 1998, p.57).

Já na teoria sócio-interacionista, segundo Silva Ferreira é desenvolvida a compreensão de que a aprendizagem é *"uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico cultural e institucional"*. Sendo nesta que surge o Método Comunicativo de ensino de língua estrangeira. A visão interacional se fundamenta a interação *"como forma de construção de conhecimento, assim desenvolve atividades que interagem entre aluno professor, aluno e material didático"* (BRASIL, 1998, p.57).

Consideraremos agora o papel do professor, seus direitos e deveres, no processo de ensino de língua estrangeira, visando o aspecto de autonomia.

No processo de ensino autônomo de um professor, existem vários papéis a exercer. Um deles é ser facilitador e também conselheiro. Paiva (1998) adverte que o professor também tem que participar na formação dos aprendizes, a desenvolver a aprendizagem e a autonomia, destinando-os *"a se responsabilizarem por sua aprendizagem e conscientizando-os sobre os processos cognitivos"*. Observamos, então, que o comportamento que leva um aprendiz a autonomia esta relacionado ao comportamento do professor apresentado em sala de aula.

Freire (1996) advoga que ensinar exige do professor respeito à autonomia do aprendiz, o professor deve respeitar a curiosidade e a criatividade do aluno. Pois um

professor autoritário vai sufocar a liberdade do aluno. O professor interessado em ajudar seus alunos a serem autônomos, proverá situações que propiciem a participação e a interação deles frente a conflitos, problemas, perguntas que estimulem o raciocínio, reflexão e a expressão. Agindo assim, o professor será mediador e fomentador da autonomia desses alunos.

Ao permitir a interação, o professor estará dando voz e estimulando a autonomia do aluno. Mas isso não significa que é o aluno quem controla todas as ações e decisões em aula. Cabe ao professor organizar os trabalhos, determinando, por exemplo, se os trabalhos serão realizados em grupos, de forma individual ou com a participação de todos os alunos. Cabe ao professor, ainda, detectar as dificuldades de seus alunos e orientá-los no sentido de superá-las. Também, cabe ao professor analisar como um determinado assunto pode ser apresentado aos alunos, respeitando seus conhecimentos prévios e experiências.

O professor pode ouvir seus alunos nas decisões a serem tomadas pela classe, pois isso estimula a autonomia deles. Entretanto, é necessário que o professor decida o que será benéfico para seus alunos e dialogar com eles. Deve-se estimular a reflexão, a autonomia dos alunos e dar-lhes vozes que estimulem a formação como sujeito pensante, reflexivo e atuante em seu processo de aprendizagem, sem, no entanto, diminuir a autonomia de atuação do professor.

O professor tem a obrigação de respeitar a liberdade do aprendiz e ter segurança consigo mesmo em relação ao ensino. Pois assim possibilitará ao aluno o dever e também o direito que possui. O professor tem que dar e também receber, se o professor tem liberdade em dar sua opinião o aluno também tem o direito a essa prioridade, usando de respeito um com o outro e cumprindo seus devidos papéis.

A grande maioria de professores ignoram os pressupostos que tiram as oportunidades dos estudantes de construir os seus próprios conhecimentos, uma vez que a prática pedagógica normal hoje é caracterizada em conduzir a uma aprendizagem mecânica, normalmente marcada em percepções receptivas ao sentido de que o aluno é apenas um receptor e não transmissor; passivas em forma mais normal e tranquila de ensino; autoritárias no sentido de controle e domínio na formação do aprendiz e de forma competitiva que sempre seleciona os alunos mais preferidos ou os mais desenvolvidos. Isso é um defeito no educador, que podemos considerar a falta de respeito e falta do uso de ética, em relação a culturas ou grau de aprendizagem de cada

aluno. Tanto que Freire(1996) afirma que *"ensinar exige respeito aos saberes dos educandos", também "ensinar exige estética e ética".*

Outro aspecto que frisado acima e que é um fato que nos preocupa muito em relação ao ensino de língua estrangeira é o uso do dicionário para tradução, ou até mesmo, dar a tradução do contexto ao aprendiz. Esses mecanismos em sala de aula são freqüentes e podem trazer um mau hábito ao aluno. Conforme coloca Freire:

Todo entendimento, se não se acha "trabalhado" mecanicistamente, se não vem sendo submetido aos "cuidados" alienadores de um tipo especial e cada vez mais ameaçadoramente comum de mente que venho chamando "burocratizada", implica, necessariamente comunicabilidade. (p. 37)

Seria mais produtivo criar um contexto ou exemplos que facilitassem a compreensão do conteúdo sem buscar auxílio em dicionários ou tradutores, (neste caso o uso dos tradutores on-line). Ainda como enfatiza o autor citado acima que: *"A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer"*. É o que também nos propõe Miccoli (2007), ao comentar sobre o ensino com autonomia, de forma dinâmica, que facilitara o entendimento do aprendiz, no qual ela apresenta vários modelos de atividades de interação para desenvolver a autonomia no aluno.

Ainda em relação à forma de trabalhar dinamicamente em sala de aula, entramos em conformidade com Freire ao nos situarmos na seguinte concepção: [...] *"ensinar, não transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção"*. Pois o professor é capacitado para ensinar, e o aluno está ali para aprender, mas este não deve dar tudo pronto ao aluno, ou usar um método que não requer esforço do aluno. Neste sentido, o professor tem que dar estilo e forma ao conteúdo conforme nos adverte este autor, além de criar contextos que possibilitem o entendimento do aluno.

Em seqüência desta idéia de autonomia no ensino da língua estrangeira, o professor tem o dever de socializar com os educandos uma organização e sistematização do conhecimento, para que eles desenvolvam gradativamente, efetivamente, o conteúdo a ser explicado. Aplicando também exercícios diversificados para criar uma forma de dinamizar o conteúdo. Assim, neste ambiente de trocas e diversificação, o aluno é oportunizado a construir, trabalhar o individual e o coletivo, realizar hipóteses em Língua Inglesa a partir das suas experiências e do domínio da língua que já possui. O professor deve procurar trabalhar com conteúdos significativos e que levem os alunos a

produzir questionamentos dentro de um contexto social, pois é papel do educador ser um contribuinte para o desenvolvimento crítico do aprendiz. Pois o professor precisa ter em mente que contribui para formação de um cidadão, e realmente esta é uma de suas obrigações enquanto educador.

O professor, portanto, precisa conhecer o desenvolvimento de seus alunos, suas necessidades e suas histórias, para poder ensinar e instigar a curiosidade e a criatividade dos aprendizes, para que possam buscar novos conhecimentos. Neste aspecto, corroboramos novamente com Freire(1996) ao dizer que: *"A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a que vem sendo comunicado"*.(p.38)

Do professor não há muito que se falar porque ele trabalha dentro de métodos, que são mais individuais, pois cada professor tem seu jeito de ensinar, a forma de cativar seu aluno. E se um professor é autônomo na sua área de ensino, ele não deve exigir que o aluno seja autônomo também, pois então como diz Freire (1996) "ninguém é sujeito da autonomia de ninguém". Tudo depende do bom senso de cada aprendiz, sempre vai haver alguns mais interessados que cumprem com seus deveres como estudantes, mas há também, os que não se preocupam em aprender.

Portanto, a autonomia no processo de ensino é aprendizagem de línguas estrangeiras é uma forma de trabalho que parte mais do professor em elaborar seu plano de ensino em cima de teorias que são voltadas para um processo de envolvimento do aluno com a disciplina, e a forma dinâmica e criativa de aplicar os conteúdos, visando à construção de conhecimento do aluno.

RESULTADO DA PESQUISA

Método

Participantes:

Participaram dessa pesquisa professores e alunos de língua inglesa do ensino médio de uma escola pública e outra privada, e também observação em sala de aula, no município de Pontes e Lacerda- MT.

Instrumento

Esta elaboração visou o aspecto da prática de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Distribuímos uma folha contendo 4 perguntas relacionadas ao tema, para professores e alunos, segundo a sua especialidade

Os dados dos alunos

Foram coletadas algumas narrativas de aprendizagem de língua inglesa de estudantes do ensino médio. Em uma escola pública, e em uma escola particular.

Entregamos um pequeno questionário para alguns alunos, embora poucos responderam. Estes foram os resultados que obtivemos.

As questões foram:

1. Qual seu ponto de vista em relação ao ensino de língua inglesa de sua escola? Aponte também, a forma de trabalhar do seu professor de língua inglesa.
2. Você procura estudar fora da sala de aula?
3. Qual é seu nível de aprendizagem em língua inglesa? Você compreende o conteúdo sem necessidade do professor traduzir?
4. Em relação ao seu aprendizado, você se considera um aluno autônomo enquanto aprendiz de língua inglesa?

Pudemos observar, na maioria das narrativas, a ausência de autonomia e a dependência do contexto escolar. Vejamos alguns exemplos:

Aluno 1. Eu estudo Inglês porque tem no currículo da escola e tem que aprender mesmo eu não querendo. Eu não faço nada para aprender Inglês porque eu não consigo. Quando o professor me explica não entendo nada sem ele fazer a tradução. Para estudar eu tento ler, mas eu não consigo fazer mais nada. Estudo Inglês só aqui na escola. Eu não considero autônomo, porque eu não gosto de Inglês porque eu acho que não entra na minha cabeça, eu não consigo entender, não consigo falar, não consigo ler.

Aluno 2. Só estudo inglês dentro da sala de aula com professor, e não gosto de estudar o inglês fora. Geralmente ouço músicas em inglês, mas não entendo nada a língua, só se for traduzida. Eu não tenho o hábito de ler em inglês. Só estudo dentro da sala de aula. O professor passa uns textos enormes pra gente traduzir, mas é difícil, porque tem palavras que não tem no dicionário. Inglês é muito difícil.

Aluno 3. Eu não estudo muito. Eu faço mais o que a escola exige. Às vezes eu faço uma revisão, faço os exercícios, tento ler alguma coisa e escuto as músicas. Eu já tentei fazer cursinho, mas parei, já inventei outros meios, mas também não consegui aprender nada. Por mais que o professor é bom mais eu não entendo quase nada, tenho muita vontade de aprender, mas acho muito difícil. O professor sempre tenta trabalhar diferente mas os alunos não entende nada sem ele não der a tradução.

Nestes exemplos, a ausência de autonomia pode ser explicada pela inclusão desta disciplina pelo sistema educacional. O aprendiz não tem motivação para aprender a língua, e também acredita ser incapaz de aprender inglês, este provavelmente tem forte influência negativa em seu processo de aprendizagem, ou também parte do processo de ensino.

Em relação ao quadro teórico analisados para a elaboração deste trabalho, percebemos que os exemplos acima estão relacionados à forma mecânica de se trabalhar em sala de aula de língua estrangeira.

Dados dos professores

Resultados obtidos em pesquisa com professores de língua inglesa recebemos apenas 2 dos 4 questionários entregues aos professores.

As questões encaminhadas aos professores foram as seguintes:

1. Na sua opinião, o que significa autonomia na aprendizagem de uma língua estrangeira?
2. Considerando que você optou por estudar a língua inglesa, como você avalia sua autonomia como um aprendiz de inglês em seu tempo de graduação?
3. Em sua opinião o que significa ser um professor autônomo?
4. Você se preocupa em desenvolver autonomia de seus alunos? Se positivo, como?

E os resultados que tivemos foram:

Professor 1. leciona em uma escola particular.

1- O estudante precisa de certa forma ser autônomo. Assim, não ficará "preso" somente as informações transmitidas pelo professor. A autonomia instiga o conhecimento.

2- O desejo por obter mais conhecimento foi essencial para minha formação. Me deparar com uma palavra na língua inglesa desconhecida era uma afronta.

3- O professor autônomo é aquele que busca outras fontes para transmitir um conteúdo aos alunos. É aquele que não se prende somente ao livro adotado pela escola. É aquele que ensina a língua e não o conteúdo do livro.

4- Sim. Sempre comentando sobre algum filme ou revista que apresenta uma palavra ou expressão muito frisada na aula.

Vimos neste professor um aspecto direto e correto em suas palavras, consideramos sua atitude essencial enquanto professor de língua inglesa. Isso nos deixa satisfeito, pois temos professores que realmente tem um ponto de vista muito moderno

quanto à forma de ensinar. Levamos em consideração que este professor é dinâmico e que tem compromisso com o seu trabalho. Este sim tem características de um professor autônomo. Comprovamos este perfil não somente com as suas respostas, mas também por comprovar isso na prática em sala de aula, pois conhecemos o trabalho deste profissional e acreditamos que os alunos tem uma boa aprendizagem.

Professor 2, leciona em uma escola pública.

1- Existe autonomia? autonomia entendida como? a partir de estudos em casa ao freqüentar um curso de inglês? O aluno de escola publica não freqüenta cursos. O professor esta ensinando. O aluno dele esta apto a estudar sozinho, como? Diante de todo o processo escolar da escola pública que sistematicamente coloca o professor do ensino aprendizagem e os alunos acreditamos, já que é sistema presencial.

2- Autonomia na minha formação foi estudar muito a partir do que via no curso. Em casa pesquisava ouvia gravações.

3- O professor autônomo busca e vai alem, mas o professor de língua estrangeira, não encontra material bom à disposição na escola, então é buscar pra valer.

4- Claro que sim, todos nós procuramos meios de instigar os alunos a serem autônomos, porem, hoje o aluno vem sistematicamente acreditando que a escola esta lá como um recurso e que ele senta e aprende e pouco se preocupa em buscar. A família também não de preocupa com a sua formação de forma intensiva e autônoma.

O narrador aqui denuncia o despreparo da escola, o foco exclusivo na forma e revela a iniciativa individual para enfrentar a situação adversa para a aprendizagem da língua. Este deixa a desejar a questão da autonomia, na primeira questão indaga a questão da autonomia e na última declara ter autonomia, demonstrando confusão na resposta.

Observação em sala de aula

Em visita a algumas salas de aula do ensino médio de escola pública e particular, deparamos com problemas relacionados à autonomia. Destacaremos primeiro os da escola pública em seguida os da escola privada.

Em duas salas de aulas de língua inglesa do ensino médio em uma escola pública, deparamos de cara com a questão de material, logo também com a falta de interesse de alguns alunos, apesar de ter uma minoria interessada em aprender. O que mais me preocupou é o fato de um aluno chegar ao ensino médio sem ter noção do verbo *to be*.

Mas na escola privada não foi diferente, por mais que os alunos tenham acesso a materiais didáticos, eles não se interessam em aprender, são poucos que se preocupam com a aprendizagem. Não generalizando, pois tem alunos que buscam a autonomia e se preocupam em aprender.

Concretizamos que hoje a aprendizagem de língua inglesa não depende tão somente da escola e do professor, mas principalmente do aprendiz. É uma situação que preocupa os estudiosos e os futuros professores de língua inglesa.

O professor tem que ser muito paciente para estar na frente de uma sala de aula dessa, pois ele não consegue exercer seu papel como professor, buscando tornar seus alunos aprendizes autônomos na construção do próprio conhecimento em língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática apresentada neste ensaio, parte do ponto de vista do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, concretizando que o nosso objetivo, visou especificamente reflexões do ensino da referida disciplina nas escolas de hoje. A interpretação dos teóricos analisados aponta para alguns fatores, sendo estes, a prática pedagógica dentro da escola, precisamente a forma trabalhada que nos preocupa muito, que restringe a chance de deslocamento e transformação do aprendiz. Outro fator que implica muito o ensino de língua inglesa na rede pública, mostra insuficiência para atender às necessidades da disciplina. Neste caso, nos referimos à questão econômica em disponibilizar materiais para o melhor desenvolvimento da autonomia tanto do aprendiz como do professor.

Outro aspecto que vale salientar é que enquanto sujeito em formação, a voz do aprendiz, neste trabalho, representa, pois uma possibilidade de transformação, de deslocamento, de mudanças, em consequência de questionamentos e de problematização na prática que o mesmo vivencia ao longo de sua formação. Mas o que ocorre é que a escola não sabe trabalhar com um aprendiz da maneira que deveria, apesar de existirem os mais interessados e outros que não se preocupam com a aprendizagem. Porém, o que enfatizamos nesse estudo é o fato de a escola limitar as chances de aprendizagem, pois o que não falta hoje são situações discursivas que encontramos na sociedade, são muitos contextos que envolvem a língua inglesa. Uma exemplo bem nítido é a internet, estamos na era da informática, e a maioria das peças eletrônicas de um computador possuem nome em inglês. Outro exemplo que os jovens e adolescentes da atualidade sempre usufruem é a música internacional. A mídia nos fornece um contexto muito rico em língua inglesa, a tendência é que a língua inglesa faça parte do nosso convívio social cada vez mais.

É notória a necessidade de domínio da língua inglesa, pois culturalmente queremos acentuar de forma a desenvolver as potencialidades individuais e ao mesmo tempo o trabalho coletivo. Isso implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades. Assim, o aluno pode perceber que através do seu trabalho e do seu esforço ele pode transformar e intervir no meio onde vive.

Como percebemos em parte desse ensaio, a interferência da língua inglesa em nosso país existe desde o processo de colonização do Brasil e passou a predominar de forma mais acentuada. Então é notável que os estrangeirismo sempre fizeram parte da nossa língua.

Outro aspecto que destacamos é o papel do professor de língua inglesa na relação com o aluno, e a necessidade de aprimoramentos e busca de conhecimentos ao referido idioma. Vimos a idéias dos professores em nossa pesquisa, que o de escola publica declarou um dos fatos que comentamos muito sobre, em relação a falta de disponibilidade de materiais para o ensino de língua inglesa na educação brasileira. Não parte tanto da falta de recursos na educação, mas também a falta de competência do professor, às vezes nem é formado na área específica para o ensino desse idioma. Fatos assim são complexos tanto no lado do professor quanto do aprendiz.

Diante de todas as informações apresentadas neste ensaio podemos afirmar que o mais importante neste contexto de ensino e aprendizagem de língua inglesa tem que ser o equilíbrio e liberdade de expressão, ainda mais por que esta relacionada ao campo de comunicação. Não podemos descaracterizar a disciplina de língua inglesa simplesmente pelo fato de falta de competência dos educadores de aprendizes e da deficiência econômica da educação. Mas também não devemos supervalorizar uma cultura estrangeira, porem, apenas envolver outro idioma em nosso cotidiano, pois a necessidade nos obriga, para ficarmos ligado com o mundo e sobreviver em meio à modernidade e no mundo globalizado. Devemos estar inseridos na sociedade como cidadãos preparados a responder as exigências do novo mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTONOMIA. In: *Online Etymology Dictionary*. Disponível em <http://www.etymonline.com>. Acesso em outubro de 2008.

AUTONOMY. In: *The Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEFFA, Vilson J. Quando menos é mais: A autonomia na aprendizagem de línguas. Trabalho apresentado no II Forum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras (II FILE). Pelotas: UCPel, agosto de 2002.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e, (organizadora) – Práticas de ensino e aprendizagem de inglês como foco na autonomia, texto de Miccoli Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira “- Campinas: Pontes Editores, 2º ed, 2007.

_____(organizadora), Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências- Campinas, SP: Pontes Editores, 3º ed- 2005

_____. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com>> acesso em outubro de 2008.

Marcel Rosa Hatugai. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000384069>> acesso em outubro de 2008

José Mário Pires Azanha. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p037-046_c.pdf> acesso em outubro de 2008

Adelaide Alves Dias. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a11v18n3.pdf>> acesso em outubro de 2008

Ana Paula da Silva Ferreira Disponível em:

<http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/PCN.htm>

Patricia B. Santos José. Disponível em:

<http://www.linguaestrangeira.pro.br/artigos_papers/PCN.htm>

ANEXOS

de tarefas e projetos que promovam progressivamente esse novo estilo de aprendizagem.

Promovendo Autonomia

O desenvolvimento de alunos autônomos deve ser incentivado pelo professor para que o aluno possa direcionar sua aprendizagem de forma a que este, gradativamente, deixe de precisar do professor para resolver tarefas, sejam elas dentro ou fora de sala de aula.

Através de atividades que promovam o desenvolvimento de autonomia, o professor estará levando seu aluno(a) a tornar-se um indivíduo que entende que a aprendizagem é um processo de natureza cooperativa – professor, aluno e colegas trabalham juntos.

Quando o aluno não está em sala de aula, seu desempenho depende de sua autonomia para realizar tarefas e resolver problemas sozinho ou com a ajuda de outras pessoas.

Considerando que a aprendizagem de uma língua estrangeira dentro de uma sala de aula é uma atividade que pode levar de 8 à 10 anos de estudo ininterrupto, é fácil entender porque devemos promover autonomia. Acreditar que o aluno aprenderá tudo o que precisa para expressar-se bem em uma língua estrangeira em sala de aula é impossível. Assim, tanto professor como alunos devem saber que seus papéis em sala de aula são limitados – o professor não pode ensinar tudo e o aluno não deve esperar que através do professor se aprenda tudo. Ele deve ser incentivado desde cedo a buscar suas próprias soluções e desenvolver ações que o façam avançar em seu desempenho como aluno. Isso certamente se refletirá em sua vida pessoal como um ser humano mais potencializado para os desafios dos dias de hoje.



Há várias maneiras. Vamos começar com sugestões de atividades coletivas que abrem o caminho para o desenvolvimento de autonomia.

I. ATIVIDADES COLETIVAS

Nome da Atividade: Discussão de Objetivos

Esta atividade deve ser conduzida no início do ano e, dependendo da série, poderá ser em português. Nela, o professor deve pedir aos alunos que, primeiramente, reflitam individualmente e depois escrevam para si sobre:

? Por que e para que estudar Inglês? ?

Esta atividade deverá ser seguida de uma discussão coletiva dos diferentes por quês e para quês. O professor faria uma lista no quadro, ressaltando os pontos que se repetem.

Uma variação da mesma atividade para alunos mais jovens pode ser pedir a eles que entrevistem seus pais e outros adultos para posterior discussão em sala.

As respostas devem servir de ponto de partida para uma discussão da importância do inglês na sociedade de hoje; do que o aluno deve esperar do ensino de inglês durante o ano; do que o professor gostaria que eles produzissem; de seu papel como professor; do papel ativo do aluno no processo de aprendizagem.

a self-study program. You are going to work on your own (alone). After that, you will show it to your teacher and classmates.

Divida as atividades de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas: Listening, Reading, Speaking and Writing.

Discuta com seus alunos alguns exemplos de atividades que podem ajudá-los a desenvolver as várias habilidades no uso de uma língua estrangeira:

LISTENING: You are going to select x (defina quantas) activities from the ones below:



- listen to a song that you like and try to get the lyrics. Are there words you know? Which ones? Did you learn new words? Make a list and find synonyms in English.



- get a movie from a rental shop or from cable TV, watch the movie as usual, then hide the captions with paper and try to listen to the words. How many words do you understand? Make a list.



(Professor: caso seja adequado ao seu contexto de ensino, você pode fazer uma vaquinha com os alunos e alugar o filme para assisti-lo em sala de aula).



- get tapes from magazines such as Speak up or books and listen to them. Make a list of new words you listen to.

Many of your friends has cable TV, plan to watch some (seriados como Friends, Smallville, The OC, etc.) together. Try to make lists of new words or expressions.



- listen to your favorite radio station – is English used? In which situations? What do people say in English on the radio? Collect as much English spoken in our radios. Share your information with the teacher and your classmates.



(Professor: para cada uma dessas atividades você deve criar uma ficha para que o aluno preencha de acordo com o que está sendo pedido. Uma ficha para preenchimento do filme é apresentada a seguir como exemplo):

SELF-STUDY ACTIVITY

MOVIE WATCHING



Name of Movie: _____

Main Actors/Actresses: _____

Brief Description of Movie (what is it about?): _____

Part you liked best: _____

Best line: _____

List of Words you DID understand: _____

Essas atividades podem ser adaptadas à realidade da sua escola. Se não for possível o acesso a revistas, dê oportunidade ao aluno de ler qualquer tipo de material impresso – embalagens, camisetas, vitrines, onde o inglês seja utilizado. O importante é fazer o aluno ter um contato com a língua e aumentar esse contato, que deixará de ficar restrito à sala de aula. A pesquisa que a atividade leva o aluno a realizar o inicia no desenvolvimento de autonomia.

SPEAKING: You have to select at least X (defina quantas) from the ones below:

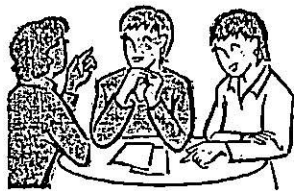


Play the song that you like best and sing along. This is a very good exercise for developing speed in articulating English words following a beat. Start with slow songs and then move to faster beat songs. Sing along until it feels easy to do.

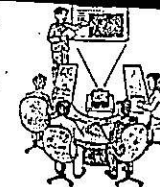
You are going to interview a teacher, someone who speaks or is learning to speak English – prepare questions, show them to your teacher for corrections and interview a teacher about his/her life, professional experience, hobbies, daily activities, family, about their learning experiences – any thing. Be creative. Be prepared to present the results of your interview in class



Create your school's English Club. Ask your classmates to come once a week for a 15-minute or half-an-hour conversation on a specific topic. Your teacher will define the weekly topics. You can also have your English Club meeting at the home of the members of the group and you can alternate homes.



Prepare a presentation on any topic you want. Not less than two and no more than 3 minutes to start. Choose something you know and you like. Present your topic in your English Club or in class.



Comentário:

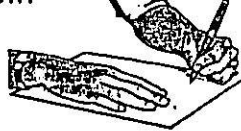
Dentre as várias habilidades, falar em inglês é a que os alunos mais desejam. É também a que mais os ameaça e os deixa nervosos. Reflita a partir das perguntas:

- Você fica nervoso quando fala em inglês?
- Como você acha que seu aluno se sente?
- O que você faria para lidar com esses sentimentos?

A idéia nessas atividades e dar várias possibilidades de começar a 'brincar' com a idéia de falar em inglês. Sem grandes pressões. As atividades devem ser encaradas como um exercício para desenvolver confiança tanto individual quanto a confiança nos outros.

A atividade de sing along pode ser a mais indicada para alunos iniciantes, mas se adequa a alunos de qualquer nível. A sugestão do English Club será reforçada se você reservar alguns minutos da sua aula para que os alunos contem o que fizeram. Já as apresentações devem tornar-se rotina a partir do primeiro momento, devendo ser adequadas ao nível dos alunos. É importante que os alunos lidem com a inibição. As apresentações são uma ótima oportunidade para enfrentá-la. Mesmo que inicialmente eles só produzam uma fala curta, o importante é ir para frente da sala ou para a frente de um grupo e usar a língua para comunicação.

Um self-study project que inclua a fala é uma ótima maneira de introduzir o hábito de atividades de produção oral fora de sala de aula, especialmente, se você tem turmas muito grandes, pois as oportunidades de fala dentro de sala de aula são limitadas. A questão da correção não nos preocupa neste momento: nosso objetivo é fazer os alunos terem mais contato com a língua. Quanto mais envolvidos eles ficarem, mais fácil será introduzir essas atividades como parte daquelas feitas em sala de aula.



- send notes to your classmates. Write anything you want, but be polite and respectful.
- write a letter to your favorite singer, movie actor, friend. Tell them about the things you like and why you'd like to meet them.
- make a list of all the things you'd like to do in your life before you die. Give specific details.
- write about a typical day in your life.
- write about the funniest, happiest, most intriguing, tragic, interesting story, trip, experience that ever happened to you. Let somebody read it and listen to what they have to say – do they understand what you wrote? what suggestions do they have? Rewrite it, read it in your English Club or to your class. Give it to your teacher for his/her comments.

Comentário:

Escrever é uma habilidade desafiadora para o aluno. Nas atividades acima, a idéia é fazer o aluno iniciar a se expressar ou, melhor ainda, buscar sua forma de expressão em inglês. Os bilhetinhos podem ser levados para sala de aula e lidos pelos colegas. As cartas ao ator/cantor favorito são bem recebidas por alunos da 7ª e 8ª séries. A atividade de leitura e de ouvir as reações de um colega a um texto escrito por um aluno, reforça a idéia de que devemos escrever para alguém e introduz a atividade de peer feedback and correction, onde os colegas reagem à escrita do colega através do feedback, o que naturalmente os leva à correção de problemas de comunicação através da correção do texto escrito. A sugestão de se

perceber que um texto é reescrito várias vezes antes de ser considerado pronto.

Se essas atividades refletirem aquelas que você conduz em sua sala de aula, seus alunos não terão dificuldades em realizá-las. Por isso, um treino em sala, antes de incluí-las no self-study project é fundamental.